

A CONFIGURAÇÃO DO GÊNERO DISCURSIVO CHARGE E SUA ARTICULAÇÃO COM O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ABORDAGEM SISTÊMICO-FUNCIONAL

Alex Caldas Simões¹

¹Universidade Federal de Viçosa (CAPES/REUNI)
Guarapari, Espírito Santo, 29.210-180, Brasil
axbr1@yahoo.com.br

RESUMO or ABSTRACT

Apresentaremos aqui a Estrutura Potencial do Gênero (EPG) Charge e como articulá-la com o ensino de Língua Materna (LM). Como aporte teórico-metodológico, utilizaremos as postulações da Linguística Sistemico-Funcional (LSF – Hasan (1989; 2005)) em 20 charges de Júlio Erthal, contidas no livro *Fatores de risco* (1998). Concluímos que, ao utilizarmos a teorização de gêneros advindo da teoria sistemico-funcional, podemos evidenciar mais claramente para os alunos, em práticas escolares de produção de texto, a importância do contexto para o texto e ainda indicar “o que ensinar do gênero” (seus estágios obrigatórios) e “como” (por meio de sua EPG).

0 INTRODUÇÃO

Os atuais Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s propõem que o ensino de língua materna, tenha como base o estudo da linguagem e seja intermediado pela exposição dos chamados gêneros discursivos, que podem ser entendidos aqui como o que “[...] os usuários fazem ao utilizar a linguagem em interações sociais específicas e como organizam suas mensagens de modo a atingir seu propósito social” (VIAN JR., 2006, p. 392).

Tal demanda pedagógica tem instigado pesquisadores das mais diversas vertentes teóricas vinculadas ao estudo do texto e do discurso a investigarem: (a) O que é gênero?; (b) Quantos e quais são os gêneros? (c) Com que gêneros se deve trabalhar no ensino de português? (d) Como ensinar tomando como diretriz os gêneros? (Cf. SOARES, 2009).

Atualmente, parece haver uma ênfase na utilização dos gêneros dos quadrinhos – gêneros que se utilizam da linguagem dos quadrinhos, tais como tiras, charges e cartuns (Cf. RAMOS, 2009) – em sala de aula. Motivados por essas orientações e indicações de pesquisa, apresentaremos em nossa exposição parte de nossa pesquisa de mestrado (vista em SIMÕES, 2010) que foi revisada e adaptada para esta presente exposição. Nosso objetivo aqui é configurar o gênero discurso charge. Ao utilizarmos as postulações da Linguística Sistemico-Funcional (Cf. HASAN, 1989; 2005), configuraremos a Estrutura Potencial do Gênero (EPG) charge, ao investigarmos 20 charges do chargista Júlio Erthal, contidas no livro *Fatores de Risco* (1998). Configurada a EPG da Charge, passaremos a tecer considerações sobre a articulação de nossa configuração sistemico-funcional para o ensino de língua portuguesa.

Sendo assim nossa exposição será dividida em quatro momentos: (a) apresentação das postulações de Hasan (1989; 2005) para a análise de gêneros; (b) apresentação de nosso *corpus* de pesquisa; (c) configuração da Estrutura Potencial do Gênero (EPG) charge; e (d) articulação da EPG com o ensino de língua portuguesa.

1 AS POSTULAÇÕES DE HANAN PARA A ANÁLISE DE GÊNEROS DISCURSIVOS

Hasan procura em suas pesquisas demonstrar que o contexto é um elemento importante na análise/compreensão de qualquer texto. Para Hasan (1989) por meio das singularidades do contexto podemos prever os elementos da estrutura de um texto, ou seja, podemos prever que elementos devem ocorrer (os estágios obrigatórios), que elementos podem ocorrer (os estágios opcionais) e que elementos podem ocorrer com certa frequência (os estágios eletivos ou recursivos).

A fim de instrumentalizar essa postulação, a autora (1989) propõe o conceito de Configuração Contextual (ou CC), que pode ser entendido aqui como “um conjunto específico de valores que são realizados pelo registro – ou contexto de situação, composto por campo, relação e modo. Por meio da expressão verbal de uma configuração contextual (CC) configuramos, então, a Estrutura Potencial de um Gênero (EPG). A EPG, portanto, corresponde a um instrumento discursivo bastante produtivo, pois, por meio dela, pode-se expressar todas as possibilidades estruturais de um texto em uma dada situação, ou seja, seus estágios obrigatórios, opcionais e recursivos.

Com intuito de ilustrar a sua exposição, Hasan (1989), ao se referir à Estrutura Potencial de Gênero (EPG), apresenta alguns sinais gráficos que auxiliam os pesquisadores na exposição de uma EPG. A partir de Hasan (1989) e Eggins (1994), apresentamos abaixo alguns sinais gráficos utilizados pela Sistemico-Funcional para expressar a Estrutura Potencial de Gênero:

^ = Sequência;

* = Estágio Obrigatório, porém não ocorre sempre na mesma ordem;

() = Estágios Opcionais;

↵ = Estágios Recursivos;

↵{} = Estágios Recursivos, na ordem fixa estabelecida entre chaves.

(Figura 1 – Sinais gráficos de representação da EPG)

Vale ressaltar ainda que Hasan (1989, 2005) não define a noção de gênero em sua pesquisa, mas evidência que o mesmo pode ser instrumentalizado a partir da noção de registro. Dessa forma, do registro (campo, relação e modo / contexto de situação) emergem valores específicos (Configuração Contextual – CC) que se expressam verbalmente por meio de estágios, em especial os obrigatórios, que é o que define um gênero discursivo.

Tomando as palavras de Hasan, podemos dizer que: (i) “[u]m gênero é conhecido pelos significados associados a ele” (HASAN, 1989, p. 108); (ii) “[o]s gêneros tem uma relação lógica com a CC, sendo sua expressão verbal. Se a CC é uma classe de tipos de situação, então gênero é linguagem fazendo o trabalho apropriado para aquela classe de acontecimentos sociais” (HASAN, 1989, p. 108); (iii) “[g]êneros podem variar sutilmente da mesma maneira que o contexto. Mas para o mesmo dado texto pertencer a um mesmo gênero específico, sua estrutura deve ter alguma possibilidade de realização na dada EPG” (HASAN, 1989, p. 108); (iv) “[...] os textos pertencentes ao mesmo gênero podem variar em sua estrutura, o que eles não podem variar sem conseqüências para a sua atribuição genérica são os elementos obrigatórios e sua disposição na EPG” (HASAN, 1989, p. 108).

Feitas as nossas considerações sobre as postulações de gêneros de Hasan, passaremos, na seção seguinte, a discorrer sobre o nosso *corpus* de investigação, as charges de Júlio Erthal contidas em sua obra *Fatores de Risco* (1998).

2 AS CHARGES DE JÚLIO ERTHAL EM FATORES DE RISCO

Júlio Erthal é caricaturista e veio a se consagrar como chargista no Jornal O Globo. Como artista ganhou três Salões Nacionais de Humor e já teve os seus desenhos publicados nas revistas Pasquim, Veja, Época e Manchete. O autor ainda se dedica à produção de animações, como as vinhetas da Globo.

Das obras do autor, selecionamos o livro de Charges e Caricaturas Fatores de Risco (1998) (Fig. 6) – recuperamos da obra somente a parte das charges – que realiza uma retrospectiva do governo presidencial de Fernando Henrique Cardoso no Brasil (1994 a 1998), passando pela Copa do Mundo da França e escândalos políticos, como o do Ex-presidente dos Estados Unidos Bill Clinton e sua secretária. Nas palavras do autor podemos dizer que esta obra: “[é] um breve apanhado de alguns dos fatos mais caricaturáveis no período: uma viagem que começa com o surgimento do Real e termina na REI-leição, passando pelo [sic] remédios falsificados e políticos idem, pela crise das bolsas e dos bolsos, pelo desaPENTamento na Copa da França e pelas estripolias sexuais do presidente Clinton.” (ERTHAL, 1998, seção introdução).

3 A ESTRUTURA POTENCIAL DO GÊNERO CHARGE

3.1 Contexto de Situação (registro)

O Contexto de Situação do gênero charge é estruturado por: (a) um *campo*, identificado como uma argumentação imagética retextualizada (nos termos de DELL’ ISOLA, 2007) de uma notícia jornalística (nos termos de

AMARAL, 1978), com vistas à divulgação de uma opinião sobre um fato social relevante; (b) uma *relação*, identificada como autor (Chargista, produtor da argumentação imagética retextualizada) e leitor (interessado(s) em argumentação por meio de imagens); e (c) um *modo*, identificado como uma linguagem escrita construída a partir da associação de imagens e textos.

3.2 Contexto de Cultura (gênero)

A Estrutura Potencial do Gênero (EPG) configurada da charge, pode ser assim descrita (Figura 2):

$$\text{Retx} * \wedge B \downarrow \wedge \text{On} \downarrow \wedge \text{Lt} \downarrow \wedge (\text{Tit}) \wedge (C) \wedge (\text{Intergn}) \wedge (\text{Sar}) \wedge (\text{Rq}) \wedge (\text{Cen}) \wedge (S) \wedge \text{Dtv} \wedge \text{Aau}^*$$

(Figura 2 – Estrutura Potencial do Gênero (EPG) charge)

Onde:

Estágios obrigatórios:

- (1) Retextualização (Retx);
- (2) Data de veiculação (Dtv);
- (3) Assinatura autoral (Aau).

Estágios opcionais:

- (1) Título (Tit);
- (2) Cor (C);
- (3) Intergenericaidade (Intergn) – (com Caricatura);
- (4) Sargeta (Sar)
- (5) Requadro (Rq);
- (6) Cenário (Cen);
- (7) Seriação (S).

Estágios recursivos:

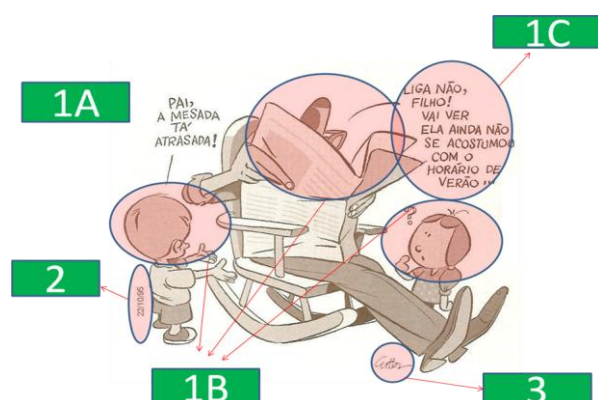
- (1) Balão (B);
- (2) Onomatopéia (On);
- (3) Linhas e traços (Lt).

Por questões metodologias e de formatação do artigo, discorreremos aqui somente sobre os estágios obrigatórios, aqueles que segundo Hasan (1989; 2005) definem um gênero do discurso. Outros detalhes podem ser vistos em nossa dissertação (Cf. SIMÕES, 2010). Dessa forma, temos os seguintes estágios obrigatórios:

(1) Retextualização (Retx) – onde uma notícia jornalística é transposta para um texto imagético de cunho argumentativo (Cf. Figura 3 – o apagão (n° 1A)). É objeto animado (Cf. Figura 3, n° 1B) que apresenta a argumentação (Cf. Figura 3, n° 1C), podendo para isso usar ou não balão, onomatopéia ou linhas e traços (estágios recursivos);

(2) Data de veiculação (Dtv) – onde apresenta-se elementos temporais (dia, mês, ano – Cf. Figura 3 – n° 2) a fim de caracterizar o momento de produção da notícia jornalística retextualizada;

(3) Assinatura autoral (Aau) – onde procura-se demarcar a autoria da charge (Cf. Figura 3, nº 3).



(Figura 3 – Charge e estágios obrigatórios)

Feitas as nossas considerações sobre a Estrutura Potencial do Gênero (EPG) charge, sendo enfatizando principalmente os estágios obrigatórios definitórios do gênero (Cf. HASAN, 1989; 2005), passaremos, em nossa última seção, as nossas considerações finais sobre a EPG da charge, onde apresentaremos a articulação deste objeto com o ensino de língua portuguesa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa exposição, advinda de uma parte de nossa dissertação de mestrado (vista em SIMÕES, 2010) atualizada e recortada para esta exposição, pudemos observar como se configura o gênero charge, fato antes nunca evidenciado com clareza pelos analistas de gêneros, em especial os sistemicistas.

Pautados no aporte teórico-metodológico da Linguística Sistêmico-Funcional (HASAN, 1989, 2005), configuramos a Estrutura Potencial do Gênero (EPG), da análise do registro para a eleição dos estágios obrigatórios (aqueles elementos que se apresentaram em todos os exemplares de nosso corpus de estudo); dos estágios opcionais (aqueles elementos que se apresentaram em alguns dos exemplares de nosso corpus de estudo, sempre no mesmo lugar) e estágios recursivos (aqueles que se apresentaram com certa frequência nos exemplares de nosso corpus de estudo, surgindo mais de uma vez em uma mesma charge, com localização bastante variada).

Concluimos que a charge, em nosso corpus de estudo, possui como variáveis de registro: (a) *campo*, argumentação imagética retextualizada de uma notícia jornalística; (b) *relação*, autor versus leitor; e (c) *modo*, linguagem escrita construída a partir da associação de imagens e textos. Do registro, portanto, emerge uma Configuração Contextual (CC) que é expressa verbalmente pelos seguintes estágios obrigatórios: (a) a retextualização, (b) data de veiculação e (c) assinatura autoral.

É dessa forma, portanto, que a perspectiva sistêmico-funcional de Hasan (1989) busca instrumentalizar a noção de gênero: do registro emergem valores específicos (Configuração Contextual – CC) que se expressam

verbalmente por meio de estágios (opcionais e recursivos), em especial os obrigatórios que definem o gênero.

Cabe salientar que é do campo que emergem os estágios obrigatórios, e da relação e do modo que emergem os estágios opcionais e recursivos. Dessa forma, pautados no aporte teórico da Linguística Sistêmico-Funcional, podemos dizer que no contexto de situação aqui configurado a charge sempre deve apresentar os estágios obrigatórios supra-citados. Indicamos ainda que o desaparecimento de um desses estágios obrigatórios, ou outro, como o opcional ou o recursivo, ou até mesmo o surgimento de estágios obrigatórios, opcionais ou recursivos, pode estar vinculado a relação do gênero charge com o seu suporte (Cf. SIMÕES, 2010).

Por fim, cabe dizer que a configuração de gêneros, sejam eles quais forem, tem se constituído em instrumento discursivo relevante nas práticas didáticas do ensino de língua materna, uma vez que a exposição de uma configuração de gêneros em sala de aula evidencia o comportamento social e discursivo desse gênero. Por meio do aporte teórico-metodológico da Linguística Sistêmico-Funcional (Cf. HASAN, 1989; 2005) indica-se “o que” ensinar do gênero, ou seja, os conteúdos (os estágios obrigatórios), e “como”, a pedagogia (por meio da configuração da Estrutura Potencial do Gênero (EPG).

Evidenciar a EPG, portanto, é fazer o aluno se desprender do estudo da forma dos textos e começar a perceber o processo de construção discursiva e textual do gênero em foco, aliando texto e contexto. Dessa forma, ao levar as configurações para sala de aula, os alunos perceberão o que deve ter uma charge para ser o gênero charge. Descobrirão também por que esses elementos definem uma charge enquanto charge, e, perceberão, por fim, como produzir e ler, de forma otimizada, tal texto, além é claro de perceber as motivações contextuais para a existência das estruturas da charge em questão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais. Ministério da Educação - MEC, 1998.
- [2] Vian Jr, O. Gêneros discursivos e conhecimento sobre gêneros no planejamento de um curso de português instrumental para ciências contábeis. In: *Linguagem em (Dis)curso* - LemD, Tubarão, v. 6, n. 3, set./dez, 2006. p. 389-411.
- [3] Soares, M. Prefácio. In: COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. 2ª Ed. Rev. Ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 7-9.
- [4] Simões, Alex Caldas. *A configuração de gêneros multimodais: um estudo sobre a relação gênero-suporte nos gêneros discursivos tira cômica, cartum, charge e caricatura*. Viçosa, 2010. 140f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Viçosa.
- [5] Ramos, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.
- [6] Hasan, R. The structure of a text the identity of text. In: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University press, 1989.

- [7] Hasan, R. Language and society in a systemic functional perspective. In: HASAN, R.; MATTHIESSEN C.; WEBSTER, J. J. Continuing Discourse on Language. London: Equinox Publishing LTD, 2005. p. 55-78.
- [8] Erthal, Júlio. *Fatores de Risco*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.
- [9] Eggins, S. *An introduction to systemic functional linguistics*. London: Pinter Publishers, 1994. p. 25-80.
- [10] Dell' Isola, R. L. P. *Retextualização de gêneros escritos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- [11] Amaral, L. *Técnica de Jornal e Periódico*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.